

## Discurso de Posse na Academia Nacional de Direito do Trabalho<sup>1</sup>

Estimados acadêmicos, queridos amigos, amados familiares, senhoras e senhores.

A cerimônia de ingresso nas Academias é envolta, como se pode perceber, de solenidades, sendo o discurso de posse um ato que essencialmente reverencia a reputação e a celebridade dos predecessores. A rigor, o ato de elogio aos que ilustraram a cátedra constitui o fundamento básico desta espécie de oração. Esta estrutura será evidentemente preservada em respeito à tradição acadêmica. Entretanto, em plano preferencial, como um tributo de gratidão, quero outorgar reconhecimento aos confrades que, por confiança e apreço, emprestaram a autoridade e o prestígio dos seus nomes à candidatura deste recipiendário que ora sucede a Cadeira 52 da Academia Nacional de Direito do Trabalho.

### A TRAJETÓRIA

A trajetória de ingresso no respeitável Sodalício teve início mediante contato estabelecido pelo confrade **Manoel Jorge e Silva Neto** em setembro de 2008. Ele, sem dúvidas, foi o primeiro a tratar da possibilidade da candidatura, trazendo-me a informação de que meu nome teria sido cogitado como um possível representante da Escola Baiana para o processo sucessório na prestigiada Academia Nacional de Direito do Trabalho. Sentindo-me homenageado com a lembrança, mas de certo modo perplexo com a indicação, por conta da existência de outros nomes locais de maior brilho e destaque, eu ouvi do extraordinário constitucionalista do trabalho que há muito tempo a ANDT necessitava de nomes capazes de tratar, com a mesma autoridade, de temas de Direito do Trabalho e de Direito da Seguridade Social, e que, por consenso, eu teria sido escolhido para tanto. A indicação estava endossada ainda por um dos mais reverenciados nomes do Direito do Trabalho, **José Augusto Rodrigues Pinto**, que emprestou a sua autoridade intelectual à candidatura e, por ato de elevada estima e generosidade, deu-me o privilégio de ser o garante do sucesso. O terceiro acadêmico a subscrever a indicação inicial foi o professor **Washington Luis da Trindade**, meu querido e sempre estimado orientador, um nome reconhecido por sua impressionante

---

<sup>1</sup> Evento ocorrido no Auditório do Tribunal Pleno do TRT da 5ª Região, Cidade do Salvador, Bahia, em 05 de março de 2009, no primeiro dia do V Colóquio Nacional de Direito do Trabalho promovido pela Escola Judicial do TRT da 5ª Região e pela Academia Nacional de Direito do Trabalho.

cultura não apenas no campo jurídico, mas também nas searas da política e da economia social. Sentia-me, então, blindado por tão notáveis subscrições.

Outros acadêmicos, ao tomarem conhecimento da pretensão, igualmente manifestaram apoio e me atribuíram a glória de suas recomendações. Neste âmbito estava o mestre de todos nós, **Luis de Pinho Pedreira da Silva**, admirado pelo pioneirismo investigativo, pela segurança de suas reflexões jurídicas e pelo primor de sua pena, características que lhe tornaram um dos máximos expoentes do Direito laboral em todos os tempos, dentro e fora do território nacional. A sua aprovação à minha candidatura foi de uma relevância incomensurável.

E por falar em conceito que extrapola os limites do território nacional, pude contar também com o arrimo do respeitado professor **Ronald de Amorim e Souza**, que, na condição de meu primeiro professor de Direito do Trabalho, foi o responsável direto pela atração que me vinculou às luzes da disciplina. Ele, o empreendedor da “Escola dos Sonhos” sobre a qual se assenta hoje a Escola Judicial do TRT da 5ª Região, e também o professor **Rosalvo Octacilio Torres**, exemplo de atuação na magistratura, ofereceram-me impulso e entusiasmo para ingresso neste universo acadêmico.

Agregaram-se às indicações o mestre **Hylo Bezerra Gurgel**, percussor do Direito Previdencial, a sempre amiga e operosa professora **Lélia Guimarães Carvalho Ribeiro** e o querido **Rodolfo Pamplona Filho** por quem nutro, com grandeza, um carinho afetivo de irmão.

A candidatura, entretanto, não estava unicamente apoiada pela bancada baiana. De Sergipe veio o amistoso amparo de **Otávio Augusto Reis de Sousa**; de Pernambuco, o entusiasmo de **Sérgio Torres Teixeira**; do Pará, a preciosa assistência de **José Maria Quadros de Alencar** e do Rio de Janeiro, a simpatia, o testemunho e a amizade de **João de Lima Teixeira Filho**. Aos confrades que, assumindo as responsabilidades da subscrição, adotaram a minha candidatura, ofereço o meu sincero agradecimento acompanhado do compromisso de jamais decepcioná-los. Enfim, já se disse, com razão, que nada existe tão bem quanto aquilo que queremos que exista. Do mesmo modo e com a mesma intensidade, agradeço aos confrades e congreiras que, crendo nos testemunhos dos que me indicaram, sufragaram o meu nome e me elegeram para esta notável Academia.

Nada, absolutamente nada, entretanto, aconteceria senão mediante a vontade de Deus. Ele tem me oferecido a luz do caminho e tem me atribuído a sabedoria de realizar as melhores escolhas. Oferto a Ele, portanto, em virtude de sua segura direção, o agradecimento por todos os episódios de minha vida, o primeiro deles o de ter-me apresentado com uma família terna e produtora de valores que me fizeram dar importância a cada pessoa que cruza o meu caminho, de saber que somos essencialmente iguais e de perceber que as oportunidades da vida surgem para todos; que o sol nasce para todos, embora apenas alguns percebam isto. Para meus pais, Leda e

Evaristo, e para minha irmã, Luciana, meus agradecimentos pelas lições de vida, especialmente a de que devemos semear no coração os nossos melhores sentimentos porque deles provêm os mais compensadores presentes.

Dentre estes presentes que a vida me ofereceu está Cynthia, minha esposa, que, com sublimidade, tem sido a parceira e a incentivadora de todos os momentos de minha existência, ora oferecendo alento quando o desânimo e a dúvida me abatem, ora me atribuindo conselhos e alternativas quando os caminhos parecem se complicar. Há entre nós uma admiração recíproca que nos permite torcer e vibrar pelos bons momentos vividos por um ou por outro. A nossa cumplicidade tornou reais muitos sonhos e trouxe para nossas vidas outros grandes presentes. O mais importante deles, Letícia, a alegria dos nossos dias, se prepara para chegar e para encantar nossas vidas.

Agradeço aos amigos pela satisfação da convivência, baseada na simples e mera empatia, que se constrói, como qualquer amizade, a partir de um desconhecido magnetismo, sobrevivente mesmo que o tempo e a distância não contribuam para tanto. O mesmo agradecimento é dirigido aos colegas da magistratura e da docência, que me permitiram a imersão na inteligência de suas discussões e no concurso de suas idéias. Aceno agradecimento também aos companheiros da 3ª Vara do Trabalho de Camaçari, que comigo têm enfrentado as dificuldades de, a cada dia, tentar ser melhor.

Agradeço, por fim, aos meus alunos para quem eu devo as reflexões que jamais seriam alcançadas na solidão das horas desoladas. Os educandos, como se sabe, representam o motivo da evolução, a razão dos debates e a semente das obras literárias, sendo, na maior parte dos casos, a origem e o destino delas. As salas de aula são relicários, de onde se extraem valiosos questionamentos e preciosas respostas, tudo, afinal, de que precisa qualquer pesquisador.

### O ELOGIO

Findo os agradecimentos, posso me dedicar ao elogio e o início lembrando que a ascensão e o declínio permitem a convivência de sentimentos opostos. Enfim, a alegria da conquista convive com a consternação da perda; a calorosa recepção daqueles que ingressam contrasta com a fria consternação dos que se recolhem; o entusiasmo dos vitoriosos opõe-se ao desânimo dos perdedores. A vida caprichosamente oferece perspectivas aparentemente contraditórias para demonstrar que cada um dos seus episódios é mero complemento antagônico dos demais. O curioso é que estas perspectivas são vividas por sujeitos diferentes num mesmo ambiente físico: num mesmo porto ou estação, por exemplo, convivem os que lamentam a partida e os que festejam a chegada.

A solenidade de posse acadêmica é um desses muitos eventos de constatação da mistura entre o júbilo e o pesar num mesmo ambiente físico. Ao festejarmos o ingresso de um novo nome na Academia devemos estar certos de que, *em regra*, o acesso deste se deu,

mediante eleição e por conta do falecimento de outro acadêmico. O traspasse aqui, entretanto, é tingido por uma coloração diferenciada. Ao contrário do que ocorre nas demais sucessões da vida, nas academias é cultuada a memória dos antecessores de modo a demonstrar que a imortalidade formal é fruto da conduta de reconhecimento e de respeitabilidade da memória e da obra dos antepassados.

Embora presente no imaginário popular, a eternidade humana é mesmo inalcançável. Esta somente é atribuída às coisas do espírito e àquilo que a energia espiritual produziu. Apenas as idéias e os sentimentos são eternos e são estes bens imateriais que edificam a imortalidade, a perpetuidade de que tratam os acadêmicos por meio daquilo que o notável professor, historiador, biógrafo e orador baiano Pedro Calmon chamou de *rito cívico do elogio*, que “faz amavelmente da morte a estética e o exemplo das vidas que não morrem”<sup>2</sup>. É desse modo, como bem ressaltou o professor José Augusto Rodrigues Pinto, “que se pereniza nos que vão chegando, como luz crepuscular da manhã, a obra dos que vão partindo, como luz crepuscular da tarde”<sup>3</sup>. Assim, assumindo a grandeza da tarefa de historiar meus antecedentes é que levo ao conhecimento de todos que a Cadeira que ora venho a ocupar fulgura sob tríplice esplendor, nas pessoas de seu patrono, **Hildebrando Biságli**a; de seu fundador, **José Serpa de Santa Maria**, e de seu último ocupante, **Hélio de Miranda Guimarães**.

Seguindo uma ordem de obediência cronológica, o elogio tem como destinatário inicial o Dr. **Hildebrando Biságli**a<sup>4</sup>, Patrono da Cadeira 52, escolhido como tal pelos instituidores da Academia, antes da fundação desta.

Filho de imigrante italiano, Hildebrando Biságli nasceu na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, em 11 de novembro de 1913, tendo realizado seus estudos iniciais na Academia de Comércio, em Juiz de Fora e no Ginásio Santo Antônio, em São João Del-Rei. Formou-se pela Faculdade de Direito de Niterói, no Rio de Janeiro, em 08 de dezembro de 1938, e concluiu Mestrado em Direito do Trabalho na cidade de Roma, Itália. Com base na sua sólida formação laboral, assumiu, em 1942, a condição de Professor Titular de Direito do Trabalho da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nesta cidade, por conta de sua intensiva atuação profissional como advogado de entidades sindicais, foi eleito vereador pelo PTB, cumprindo mandato de 1947 a 1950. Em seguida, elegeu-se deputado federal, pelo mesmo partido, para a legislatura de 1951 a 1955. No exercício da sua vida política, Hildebrando Biságli foi autor de uma pletera de projetos que foram transformados em norma legal trabalhista. Em fevereiro de 1956

<sup>2</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discursos Acadêmicos: Tomo III, 1936-1950**. ABL: Rio de Janeiro, 2007, p. 37. Trecho retirado do discurso de Pedro Calmon na sessão solene extraordinária da Academia Brasileira de Letras do dia 10 de outubro de 1936.

<sup>3</sup> ACADEMIA DE LETRAS JURÍDICAS DA BAHIA. **Saudação ao Acadêmico Rodolfo Mário Pamplona Filho**. ALJB: Salvador, 2005. Trecho retirado do discurso de saudação feito por José Augusto Rodrigues Pinto ao acadêmico Rodolfo Mário Pamplona Filho na sessão solene de 17 de agosto de 2005.

<sup>4</sup> O histórico de Hildebrando Biságli foi gentilmente oferecido por seu filho, Alex Brant Bisaglia, que conferiu todos os dados contidos neste elogio.

foi convidado a dirigir o Departamento Nacional do Trabalho, no qual permaneceu por apenas dez meses, posto que nomeado no dia 05 de dezembro de 1956 para o cargo de Ministro do TST (Tribunal Superior do Trabalho). Ali, na Elevada Corte Trabalhista, foi seu Vice-Presidente entre 1964 e 1966; seu Presidente em dois mandatos, o primeiro entre 1966 e 1968 e o segundo, entre 1971 e 1972. Concluiu sua atuação na mesa diretora como Corregedor-Geral entre 1972 e 1974.

O Min. Biságlio, assim identificado no ambiente forense, angariou respeito pela simplicidade da sua atuação e pela consciência de que todas as pessoas deveriam ser tratadas igualmente. Buscava aproximar-se delas, desde os tempos de vida sindical, quando lidava com humildes trabalhadores, contando piadas e fazendo pequenos truques de mágica. Esta atuação aguçou o seu carisma dentre os magistrados e servidores do TST, onde se aposentou no ano de 1985, depois de 29 (vinte e nove) anos de atuação naquela casa. Na Universidade de Brasília, onde professou seus conhecimentos laborais, conquistou reconhecimento e grandes amizades entre 1971 e 1986. Recebeu inúmeras condecorações, dentre as quais se destacam a Ordem do Mérito do Trabalho (Grão Mestre), a Ordem do Mérito Jurídico Militar (Alta Distinção), a Ordem do Mérito Judiciário (Gran Cruz), a Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho (Gran Cruz), a Ordem do Mérito de Rio Branco e a Ordem do Mérito do Distrito Federal. Hildebrando Biságlio faleceu em Guarapari (ES), em 13 de abril de 1987, aos 74 anos de idade.

O fundador da Cadeira 52, aquele que primeiro nela assentou por eleição dos acadêmicos originários, foi o Dr. **José Serpa de Santa Maria**<sup>5</sup>.

Nascido em Maceió, Alagoas, em 26 de março de 1919, José Serpa de Santa Maria realizou seus estudos jurídicos no Rio de Janeiro por estímulo do seu tio e padrinho, o conhecido civilista Miguel Maria de Serpa Lopes. Bacharelou-se, então, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito/ Universidade Federal do Brasil, no início dos anos 40. Por ocasião de sua formatura implantava-se no estado fluminense, por decreto do então presidente Getúlio Vargas, a Companhia Siderúrgica Nacional. Ali, em virtude de seleção promovida por executivos da época, foi contratado como consultor jurídico, onde permaneceu por 40 (quarenta) anos. Paralelamente, desenvolvia a vida acadêmica como professor-assistente do mestre Serpa Lopes, a quem sucedeu nas cátedras de Direito Civil da Cândido Mendes, da PUC-RJ e da Gama Filho por ocasião do falecimento deste. Além da assunção das mencionadas cátedras, coube ao Dr. José Serpa de Santa Maria a missão de atualizar os seis primeiros volumes do Curso de Direito Civil escrito por Serpa Lopes e de completar a coleção, escrevendo os volumes VII, VIII e IX. Ao aposentar-se, o Dr. Serpa, como era conhecido no ambiente forense, aceitou convite para ser Assessor no gabinete do então Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, transferindo a sua vida pessoal para Brasília e a sua atividade de

---

<sup>5</sup> O histórico de José Serpa de Santa Maria foi gentilmente oferecido por sua viúva, Maria José Carvalho Serpa de Santa Maria, que conferiu todos os dados contidos neste elogio.

docência jurídica para o Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e para a Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (UNI/AEUDF). Traço característico do Dr. Serpa, entretanto, era a elevada espiritualidade. Ele foi escritor e palestrante espírita nacionalmente reconhecido, autor de diversos artigos e livros, dentre os quais a “Justiça Natural e Evolução”, “O Espírito na Evolução”, “O Direito de Viver” e “Duas Vidas em uma só Existência”, este último publicado após o seu falecimento, ocorrido em 16 de julho de 2000, em Brasília, quando contava 81 anos de idade.

O último ocupante da Cadeira 52 da Academia Nacional de Direito do Trabalho foi o magistrado e professor **Hélio de Miranda Guimarães**<sup>6</sup>.

Nascido na cidade de São Paulo no dia 06 de setembro de 1919, o Dr. Hélio de Miranda Guimarães bacharelou-se em Direito no ano de 1942 pela tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Depois de exercer a advocacia por três anos, foi nomeado Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Sorocaba, São Paulo, em 07 de fevereiro de 1945, por ato do então Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra. Assumiu, a partir de 26 de junho de 1952, a condição de Juiz do Trabalho, Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Jundiáí, São Paulo. Dois anos mais tarde, em 16 de dezembro de 1954, foi promovido, por merecimento, para o cargo de Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região, onde permaneceu até a sua aposentadoria havida em 04 de março de 1969. No mencionado Tribunal Regional, o Dr. Hélio foi eleito Presidente para o biênio 1963-1965 e reeleito para o biênio seguinte, 1965-1967. Após seu jubileamento, voltou a advogar no fórum trabalhista de São Paulo e a dar continuidade a sua docência jurídica, tendo sido professor da cátedra de Direito do Trabalho na Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, em São José dos Campos (SP), de julho de 1956 a fevereiro de 1975 e da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (SP), de março 1966 a agosto de 1986. Esta última instituição de ensino, por força da Resolução GFD n.º 3, de 17 de setembro de 2003, conferiu-lhe o título de Professor Emérito, pela excelência dos seus serviços prestados. Como professor, o Dr. Hélio foi um grande incentivador dos seus alunos, convidando-os a estudar o que de mais moderno e sólido havia no mundo jurídico do trabalho. Relataram seus contemporâneos<sup>7</sup> que uma das suas características psicológicas mais destacadas era a de jamais se destemperar. O equilíbrio era seu companheiro e seu seguro orientador. Seus alunos o viam como um homem elegante e de fino trato, que não se furtava aos debates sobre os mais variados temas, dos mais simples aos mais complexos, tendo, em

---

<sup>6</sup> O histórico de Hélio de Miranda Guimarães foi gentilmente oferecido pelo Serviço de Biblioteca, Setor de Atendimento e Pesquisa do TRT da 2ª Região. Demais informações foram obtidas por meio do artigo de periódico assim catalogado: GINDRO, Sônia Aparecida. **Memória da Justiça do Trabalho de São Paulo - XXIX**. REVTRIM JURISPRUDÊNCIA. São Paulo, n. 54, p. 7-8, set. 2008

<sup>7</sup> O confrade Raimundo Simão de Melo, que foi aluno do professor Hélio de Miranda Guimarães, intermediou, gentilmente, contato com Dr. Luis Abelardo Paschoal, antigo servidor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Este, na qualidade de amigo do professor Hélio, ofereceu preciosas informações sobre o seu perfil psicológico e social.

qualquer situação, algo a acrescentar com invejável juridicidade. Destinatários de muitas homenagens e títulos, o Dr. Hélio dá nome ao Fórum Trabalhista de Sorocaba, cidade que o acolheu como o primeiro magistrado ali atuante. No campo editorial, publicou diversos repertórios de jurisprudência trabalhista e artigos em revistas especializadas. Faleceu em 13 de junho de 2008, na cidade de São Paulo, com 89 anos de idade.

### O PORVIR

Com base nestes antecedentes de probidade intelectual e de alada e modesta sabedoria, ingresso na Academia Nacional de Direito do Trabalho para ocupar, com ela e com imenso orgulho, a Cadeira de número 52. Cultuo o mesmo sonho de luz que orientou meus predecessores e deixo anotado no meu discurso o compromisso de respeito pelas tradições e pelas grandezas que os notabilizaram. Estarei empenhado em atuar pela instituição de modo a produzir nela e em favor dela um trabalho que seja reconhecido pelos acadêmicos do presente e do futuro. Antes de ser igual aos meus confrades, serei por muito tempo discípulo deles, apreciando seus feixes de luz e aproveitando a intensidade dos seus clarões intelectuais.

Realizo-me em trabalhar pela extensão das idéias edificadas pelos antigos mestres, com respeito aos quais construirei o meu caminho do mesmo modo que eles, no início de suas histórias, tiveram oportunidade de fazê-lo, observando o eterno ciclo de renovação, em obediência ao movimento perpétuo do tempo que continuamente faz com que as coisas no mundo sucessivamente feneçam e desabrochem<sup>8</sup>.

Muito obrigado.

---

<sup>8</sup> Trecho inspirado em passagem do livro “A Crise do Direito”, escrito pelo jurista baiano Orlando Gomes, um dos mais ilustres fundadores da Academia Nacional de Direito do Trabalho, que neste ano de 2009 completaria o seu centenário do nascimento. Para fins de referência bibliográfica veja-se: GOMES, ORLANDO. **A Crise do Direito**. São Paulo: Max Limonad, 1955.